

GILDA TEMBE

# Ser condutora foi a minha paixão na passagem pelo HCM

ANABELA MASSINGUE

**A**OS 67 anos de vida, aposentada, mãe, sogra, avó e bisavó, Gilda Tembe é uma mulher que não se arrepende pelas escolhas que fez na vida.

Na revelação à Reportagem do “Notícias”, numa retrospectiva sobre a sua vida profissional marcada pela passagem pelo Hospital Central de Maputo (HCM), diz-se orgulhosa por ter sido motorista e realizada por ter resolvido parte dos problemas essenciais como ter uma habitação condigna.

Estreou-se no HCM como servente, vaga para a qual concorreu de forma tímida mas que passou a assumir com afinco e responsabilidade, graças às lições de ética e deontologia profissional a que o pessoal serventuário era submetido, aliadas a uma preparação física básica.

Conta que era empregada doméstica na casa de um médico que foi também médico particular do Presidente Samora Machel. A casa situava-se nas imediações do HCM e, um dia, quando regressava à casa, ouviu falar de vagas para serventes no hospital. “Com algum receio comuniquei aos meus patrões a pretensão de lá ir trabalhar e contra todas as expectativas tive o apoio deles”, conta.

Para ser servente foi preparada para lidar com indivíduos sensíveis por estarem doentes e, nalguns momentos e não poucos, com pessoas sem vida, mas que devia dar o máximo de si para acarinhar tanto aos pacientes como aos familiares dos finados.

Lamenta que não haja, em alguns casos, uma preparação à semelhança do passado, em que antes de trabalhar o candidato seguia diferentes etapas



Recorri ao volante para sustentar os meus filhos. Agora basta – Gilda Tembe

nas quais avaliava-se o seu nível de motivação.

“Alguns desistiam ainda nessa fase, principalmente quando se tratava da relação com a morgue”, lembra-se.

Embarcou no emprego com afinco, mas como não se conformava com as condições de vida que dava às cinco filhas, tentou nalgum momento estudar. Contudo, a sua condição de pai e mãe não favorecia, e teve de suspender as aulas.

Enquanto trabalhadora do sector público, teve oportu-

nidade de trabalhar na Clínica Especial do HCM, nos primeiros anos da sua criação. Conseguiu amealhar algum dinheiro com o qual tratou, exclusivamente, de melhorar as condições de habitabilidade.

“O meu marido abandonou-me com cinco filhas e radicou-se na África do Sul por, alegadamente, não lhe ter dado um varão. Lutei sozinha, por via do emprego, até que, anos depois, fui para uma outra relação, da qual tive um filho. As minhas batalhas foram mesmo

para cuidar da minha família e, graças a Deus, posso dizer que valeu a pena”, disse.

Tentou entrar, definitivamente, para a clínica, mas não lhe foi permitido pelos seus superiores hierárquicos por a considerarem das mais eficientes no hospital público. O facto criou em si um sentimento de revolta, a ponto de decidir mudar de sector.

Porque sempre ia à lavanderia deixar roupas, quis o destino que encontrasse lá uma colega, a primeira con-

duutora de ambulância que o HCM tinha na altura. Perguntou sobre a possibilidade dela também sê-lo e a explicação não tardou. Como não tivesse dinheiro, Gilda Tembe filiou-se a um grupo de *xitique* até obter o valor necessário para a inscrição numa das escolas de condução de Maputo. Já com a carta de ligeiros e pesados na mão, foi admitida no sector dos transportes.

Na memória guarda também momentos marcantes pela positiva, como por exemplo a sua distinção por ter estado presente no local de trabalho, na Ortopedia, durante uma greve dos trabalhadores da Saúde.

“Lembro-me que foi no tempo em que o Dr. Ivo Garrido era director do hospital”, precisou.

Apraz também, à avó Gilda, como é carinhosamente tratada no seio familiar, o reconhecimento pelo Ministério da Saúde por ter feito 25 anos de carreira no quadro do pessoal de apoio no HCM.

## INSPIRAMOS MUITAS MULHERES NA CONDUÇÃO

“...Quando entrei para o sector de transportes o HCM tinha apenas uma mulher, que foi a minha fonte de inspiração: a dona Rufina, também já aposentada. Em pouco tempo já éramos quatro e tenho a certeza que revolucionámos o sector que já tem muitas mulheres na carreira de motorista, em diversos hospitais de Maputo”, assume.

Sobre as suas aventuras como condutora, Gilda Tembe fala de ter aprendido a lidar com viaturas manuais não somente para condução como também nos aspectos mecânicos.

“Além de conduzir fazia ligação directa, em caso de a viatura não pegar, trocava os pneus sem nenhum problema e entendia problemas básicos que uma viatura cansada podia ter, o suficiente para não depender dos homens, como acontece com algumas mulheres condutoras”, conta.

Orgulha-se por nunca ter usado, um dia sequer, uma ambulância para fins pessoais no trajecto entre um hospital e outro.

“Eu nunca levei a ambulância, com desenho de cruz, para passar por minha casa. Fize-lo com outros carros que não fossem ambulâncias, tudo porque a deontologia profissional me guiava”, orgulhou-se.

Com a ideia de que a condução era profissão masculina, chegou a ser discriminada por um chefe que não queria partilhar o carro com mulheres, apesar de ser propriedade do hospital.

Agora com os seis filhos encaminhados, diz não ver motivos para voltar ao volante, pois fê-lo durante muitos anos como forma de procurar sustentá-los.

Aliás, um ano antes da reforma, por problemas ortopédicos, foi aconselhada a abandonar o volante e completou o seu ciclo trabalhando na esterilização.

